

Conceição Flores (UnP)

Resumo: Partindo dos primeiros registros da presença feminina, surgidos no *Cancioneiro Geral* (1516) de Garcia de Resende, seguimos século a século escritoras portuguesas, a fim de apresentar um painel sobre a escrita feminina em Portugal. A escolha das escritoras resulta de pesquisa apresentada no Dicionário de *escritoras portuguesas: das origens à atualidade* (2009), em coautoria com Constância Lima Duarte e Zenóbia Collares Moreira. Seguir o percurso da escrita feminina portuguesa é evidenciar a ousadia feminina que rompeu com as barreiras impostas pelo patriarcado e mostrar a genealogia secular das escritoras portuguesas. O espaço negado pelo cânone é resgatado pela crítica feminista, que vem trazendo à luz essas ousadas mulheres dos séculos passados que não tiveram “um teto todo seu”.

Palavras-chave: resgate; escritoras; literatura portuguesa

Resumé: Nous avons suivi, siècle à siècle, les femmes écrivains portugaises, depuis le *Cancioneiro Geral* (1516) de Garcia de Resende, à fin de présenter une vue d'ensemble sur l'écriture féminine au Portugal. Le choix des femmes écrivains a été fait à partir de la recherche que nous avons développée avec Constância Lima Duarte et Zenóbia Collares Moreira et que nous présentons dans le *Dicionário de escritoras portuguesas: das origens à atualidade* (2009). Suivre le parcours de l'écriture féminine portugaise c'est mettre en évidence l'audace féminine qui a rompu les impositions du patriarcat et aussi montrer une généalogie des femmes écrivains portugaises. Le canon leur a interdit les espaces, mais le rachat se fait par la critique féministe, qui met la lumière sur les femmes osées de ces temps où une femme ne pouvait pas avoir “une chambre à soi”.

Mots-clés: rachat; femmes écrivains; littérature portugaise.

*Procuramos as escritoras
as vozes onde elas estão
teimamos nas suas vidas*

E se a escrita foi seu chão

*Vamos atrás das palavras
através do tempo ido
encontrá-las recolhidas*

No passado desvalido

Maria Teresa Horta¹

¹ O poema escolhido como epígrafe intitula-se “Investigadoras” e diz magistralmente do árduo e prazeroso trabalho de pesquisa. Durante anos, “procuramos as escritoras”, fomos “atrás das palavras”, “seguimo-las” por bibliotecas e arquivos portugueses, reunindo cerca de duas mil que apresentamos no *Dicionário de escritoras portuguesas: das*

O poema escolhido como epígrafe intitula-se “Investigadoras” e diz magistralmente do árduo e prazeroso trabalho de pesquisa. Durante anos, “procuramos as escritoras”, fomos “atrás das palavras”, “seguimo-las” por bibliotecas e arquivos portugueses, reunindo cerca de duas mil que apresentamos no *Dicionário de escritoras portuguesas: das origens à atualidade* (2009)².

O dicionário reúne verbetes de escritoras consagradas pelo público e pela crítica e de outras cujo nome é apenas conhecido em pequenas vilas ou pelos familiares. “Recriando a própria história / perseguindo o interdito”, identificamos pseudônimos, “levantamos a poalha” e coligimos informações dispersas de tempos diferentes sobre mulheres que, ao longo dos séculos, têm publicado ou deixado seus textos manuscritos. “Buscamos a sua sombra / o seu vulto face e mão” seguindo princesas, infantas, damas da corte, religiosas, plebéias, anônimas e famosas, algumas que fizeram da escrita a sua profissão, outras que foram apenas diletantes da palavra. “Partimos pelas veredas” ao encontro de portuguesas nascidas no Brasil, nas antigas colônias de África, nos Açores, na Madeira, em Portugal continental e até daquelas que, nascidas no estrangeiro, fizeram de Portugal a sua pátria ou, nascidas em Portugal, no estrangeiro se fixaram e publicam(aram) em língua portuguesa (HORTA, 2009, p. 45).

Fruto das pesquisas realizadas, apresentamos um painel de escritoras portuguesas desde o século XV até a contemporaneidade. Os primeiros registros da escrita feminina que encontramos estão no *Cancioneiro Geral* (1516), de Garcia Resende. Nele há a presença de doze mulheres, entre elas, D. Filipa de Almada (1453-1497), neta de D. Filipa de Lencastre, casada com o poeta Rui Moniz, que também figura no *Cancioneiro*. Acompanhada por suas donzelas, muitas das quais também compunham trovas, ela participava dos torneios poéticos que animavam os serões palacianos, aceitando e respondendo aos desafios dos poetas. Numa de suas cantigas, D. Filipa assim poetava:

O que recobrar não posso,
mundo de ordem desigual,

origens à atualidade (2009). A pesquisa foi iniciada, em 1985, por Constância Lima Duarte, Diva Cunha e Zenóbia Collares Moreira. Entretanto, por motivos variados, a pesquisa foi interrompida, deixando incompleto um trabalho que consumira muitas viagens a Portugal e muitos anos dedicados a um trabalho árduo de levantamento de dados sobre as escritoras. Recebi o honroso convite para me integrar à equipe e retomamos a pesquisa que resultou na publicação do dicionário.

faz que não desejo vosso
bem, nem quero vosso mal.

Mais me praz que assim viva
no limbo destes favores,
que vossos tristes amores
me darem vida cativa.
Pesa-me que o mal vosso
já cuidei de não ser mal,
praz-me porque sei e posso
crer agora de vós al. (1973, p. 34)

No século XVI, é, sobretudo, em torno da corte que a vida literária continua a ocorrer. Reunidas em volta da Infanta D. Maria, filha de D. Manuel, mulheres notáveis pela sua cultura literária superaram as barreiras de gênero e ombreavam com os doutos daquele tempo. Lembro, a título de exemplo, Luísa Sigeia, preceptora da infanta, e Joana Vaz, mestra de latim, que escreveram poemas em latim. Vale a pena abrir um parêntesis para lembrar um antigo ditado que diz “Mulher que fala latim e burra que faz ‘him’, sai-te para lá, meu cavalim”³, que elucida bem como essas mulheres ultrapassaram corajosamente as barreiras então impostas ao sexo feminino.

Outras mulheres marcaram presença. Públia Hortênsia, travestida de homem, frequentou a universidade, e se destacou entre os filósofos do seu tempo. Leonor de Noronha escreveu diversas obras de caráter religioso e traduziu do latim a *Crônica Geral* de Marco Antônio Sabélico. Joana da Gama fundou um recolhimento em Évora e foi autora dos *Ditos da freira*, obra de caráter didático e moralista. Nos “Ditos do autor (*sic*) a si mesma”, afirma ter escrito os ditos por lhe terem pedido, mas que tem “pouca capacidade”, precavendo-se das críticas que a obra suscitasse. Ela escreve:

Minha pouca capacidade e a baixeza de meu entendimento me estão ameaçando, e me dizem que não terá culpa quem ma der em escrever estes ditos; eu o fiz para não me esquecerem, e comuniquéi-os com minhas amigas; elas puseram os olhos na minha tenção, pediram-mos, não lhos soube negar: isto vai parecendo desculpas, de que eu sou pouco. (1555)

³ D. Francisco Manuel de Melo em *Carta de guia de casados* alude a esse ditado (cf. MELO, 1992, 958), do qual há varias versões. José Pedro Machado, em *O grande livro dos provérbios*, apresenta: “Mula que faz ‘im!’ e mulher que sabe latim, raras vezes têm bom fim.”; “Mulher que fala latim e burra que faz ‘him!’ sai-te para lá meu cavalim.”; “Foge da mulher que sabe latim e da burra que faz ‘im!’”; “Mulher que fala latim, burra que faz ‘him!’ e carneiro que faz ‘mé!’”, libera nos et dominé.”; “Pedros, burros velhos, terras por cima de regos, burra que faz ‘him!’ e mulher que sabe latim, nem comprá-los, nem vendê-los, mas sempre é bom em casa havê-los.”; “Deus nos livre de moça adivinha, mulher latina, de hora minguada e de gente que não tem nada.”; “Guarde-vos Deus de moça adivinha e de mulher latina.”.

A presença da mulher na literatura portuguesa começa a ser mais efetiva no século XVII, tanto nos claustros como fora deles. Alguns textos foram produzidos como exercício espiritual: são as autobiografias escritas a mando dos confesores como forma de controle da mente feminina. Antónia Margarida de Castelo Branco, divorciada, freira para fugir à brutalidade do marido, deixou uma *Autobiografia*, que foi escrita, destruída e reescrita, revelando a história de um matrimônio imposto, infeliz, como tantos não desejados por essas mulheres de séculos passados.

Dos claustros, chega também a produção literária das Sórores Maria do Céu, Violante do Céu e Madalena da Glória. Mas não há como esquecer outra religiosa, a Mariana Alcoforado, autora do lamento de amor que continua correndo mundo: as célebres *Cartas Portuguesas*. Enclausurada, contra a sua vontade, apaixonadamente escreve ao amado: “Se me fosse possível sair deste malfadado claustro, não esperaria em Portugal que se cumprissem as tuas promessas: iria eu, sem qualquer inibição, procurar-te, seguir-te e amar-te por toda a parte.” (ALCOFORADO, 1997, 15).

Fora dos claustros, Bernarda Ferreira de Lacerda, autora de *Soledades do Buçaco* (1634) e Maria Lara e Menezes, que escreveu *Saudades de D. Inês de Castro*, publicada na *Fênix renascida*.

No século XVIII, as mulheres começam a ousar uma escrita que se contrapõe ao discurso masculino. Paula da Graça, em 1743, responde, passados quase dois séculos, ao célebre folheto *Malícia das mulheres*, de Baltasar Dias, reeditado inúmeras vezes. Ela intitula o seu de *Bondade das mulheres vindicada, e malícia dos homens manifesta* e, no prólogo, afirma: “Pareceu-me inequidade, que se fossem multiplicando, à nossa revelia, contra nós, tantas sentenças, quantas são as aprovações que aquele famoso libelo acha entre as pessoas do povo, por isso agora me resolvo a contrariá-lo.”

Em 1761, Dona Gertrudes Margarida de Jesus publica a *Primeira carta apologética em favor e defesa das mulheres, com argumentos colhidos na História*, em resposta à obra de Frei Amador do Desengano *Espelho no qual claramente se vêem alguns defeitos das mulheres*, de 1761, que acusava o sexo feminino de ignorância, inconstância e formosura.

Esse é o século das luzes e o *Verdadeiro método de estudar* (1746) propõe uma virada no ensino português, com propostas pedagógicas iluministas. Em relação à educação feminina, o autor, no entanto, reserva a última carta, o que elucida bem o lugar reservado à mulher. Intitulada “Apêndice sobre o estudo das mulheres”, mostra

a opinião dos portugueses que as consideravam “como animais de outra espécie” (1952, p. 149).

Nesse século é publicado o primeiro romance escrito por uma mulher na língua portuguesa. A autora, Teresa Margarida da Silva e Orta, nascida em São Paulo, em 1711, é filha de um emigrante português que chegou ao Brasil em 1695, aos 12 anos, como criado de servir e de uma brasileira, descendente dos primeiros colonos portugueses que se fixaram em São Paulo. Teria 5 anos quando chegou a Portugal de onde, ao que tudo indica, nunca mais saiu. Educada no Convento das Trinas, pois o pai destinara as duas filhas à vida religiosa, casou-se aos 16 anos, à revelia paterna, mediante uma autorização especial da Igreja.

O romance intitulado *Máximas de virtude e formosura...* foi publicado em 1752, com o pseudônimo anagramático de Dorothea Engrassia Taveda Dalmira. Com três edições no século XVIII – 1752, com duas tiragens; 1777; 1793, com duas tiragens – e uma edição mutilada em 1818, o livro contou com um público leitor considerável, tanto em Portugal como no Brasil⁴.

A autora afirma que “os homens vieram primeiro ao mundo, fizeram as leis, e tomaram para si as regalias” (1993, p. 95), isto é, as mulheres são o “segundo sexo”, a obediência e os trabalhos são o que lhes cabe neste mundo. Lucidamente a autora expõe a situação em que a mulher portuguesa se encontrava, afirmando que se

[...] não resplandece em todas a luz brilhante das ciências; [é] porque eles ocupam as aulas, em que não teriam lugar, se elas as freqüentassem, pois temos igualdade de almas e o mesmo direito ao conhecimento; e o dizerem que [...] não sabemos entender, ajuizar, aprender e [que] queremos sempre o pior, é sobra de maldade, e insofrível sem razão, quando neles há sempre mais que repreender, e nas mulheres muito que louvar, menos naquelas, que muito os atendem, porque eles as arruinam. (*ibidem*, p. 92)

Destacamos ainda algumas mulheres que escreveram poesia, entre elas, a Marquesa de Alorna, Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre (1750-1839), da família dos Távoras⁵, por isso encarcerada no convento de Chelas até os 27 anos. Ela preencheu os longos dias de clausura com estudo e leitura de vários livros, alguns dos quais lhe chegavam escondidos nas volumosas saias, então em uso, da amiga Teresa

⁴ Cf. Abreu, 2003, p. 105. Araújo, 1999, p. 247.

⁵ Os Távoras, tradicional família da nobreza, foram responsabilizados pelo atentado ao rei D. José, julgados e condenados. Os homens que não foram condenados à morte, permaneceram na prisão até a subida ao trono de D. Maria I (1777), como foi o caso do pai da autora; às mulheres da família, foi-lhes destinado o convento.

Josefa de Mello Breyner (1739-1798), também poetisa. Em Chelas, num dos outeiros⁶ ali realizados, recebe de Filinto Elísio, poeta consagrado da Arcádia Lusitana, o nome de Alcipe. A amiga é a Tirce e, quando ela não vem, Alcipe⁷ assim se queixa: “Fugiste de meus olhos, doce amiga! / no sítio acerbo, onde o silêncio mora? / Onde a saudade e a dor se não mitiga / Desconsolada Lilia pena e chora.” (ALORNA, 1844, p. 207).

Outra amiga, também poetisa, a Viscondessa de Balsemão - Catarina Micaela de Sousa Cesar e Lencastre (1749-1824) - a Natércia. Alcipe “Em resposta à Nathercia”, escreve: “Deixa-te disso, amiga, não me pregues. / Amor é para mim uma quimera;/ Em meu peito deserto não prospera / Mais que a lei da razão, que tu não segues.” (apud Moreira, 2000, p. 55). A seguidora das luzes se contrapõe à amiga que expõe romanticamente o seu desejo:

Entre brancos cabelos encobertos
Se geram pensamentos amorosos
Que os meus desejos ainda tem despertos.

Inda vejo com olhos invejosos
Os ricos cofres do prazer abertos
Donde saem instantes deleitosos. (*ibidem*, p. 56)

No século XIX, mais escritoras marcam presença, seja através de textos publicados em jornais, seja em edições de pequena tiragem que surgem país afora. Relembro duas: Maria Browne (1797-1861), a Soror Dolores, poetisa que abria as portas da sua casa aos intelectuais do Porto e por cujo salão passaram, entre outros, Faustino Xavier de Moraes e Camilo Castelo Branco; e Ana Plácido (1831-1895), a companheira de Camilo, mais lembrada por esse fato do que pela escrita.

Preso por adultério (1860-1861), Ana Plácido escreve *Luz coada por ferros* na cadeia, livro que vai ao prelo em 1863. O que mais surpreende nessa obra não é o tom confessional e angustiado da narradora, mas a consciência que tem de se saber mulher e de pretender mudar a sua trajetória através da literatura. Conclama as “mulheres de Portugal” a pôr fim à “inatividade”, a se desligarem “de certas apreensões, procurando no livro e no estudo dos bons mestres um refrigério para os tristonhos dias da velhice” (PLÁCIDO, 1995, p. 91). Incitando as leitoras à literatura, escreve:

⁶ Os recitais feitos por poetas e músicos nos conventos, aonde também se saboreavam as iguarias conventuais.

⁷ A Marquesa de Alorna também usou o pseudônimo de Lilia, caso deste poema.

Sei que não podemos aspirar a um nome distinto como o de madame Staël, ou Georges Sand. A estas dotou-as a subtileza do engenho, a grandeza do gênio, a vivacidade sublime que não possuímos desde que a marquesa de Alorna, e Catarina Balsemão passaram sem herdeiras. Não demos ao homem a fácil vitória da nossa inércia. Entremos desassombradas nesse trilho em que os mesmos espinhos nos fazem esquecer outras dores. (*ibidem*, p. 91-2).

A postura que a escritora pretende incutir nas suas leitoras eclode nos finais do século XIX, inícios do XX. A poesia feminina passa a circular em jornais e salões literários onde as mulheres lêem seus poemas. A maioria fez sucesso no seu tempo, mas hoje já não despertam interesse a não ser entre investigadores interessados em reconstituir a história das mulheres. Outras, como Florbela Espanca e Judite Teixeira, só postumamente tiveram seu talento literário reconhecido. A presença de tantas poetisas, talvez, aponte para o lado romântico das portuguesas, que, segundo Alonso (1996, p. 15), não eram pragmáticas como as inglesas, que escreviam romances, que eram vendidos e geravam uma renda.

A trajetória das mulheres na literatura portuguesa é assinalada, nos anos de 1970, com a publicação das *Novas cartas portuguesas* (1972), obra inovadora na sua concepção e na temática. As três Marias, Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, expuseram desafiadoramente a fragilidade masculina, afirmando:

– Frágeis no entanto são os homens em suas nostalgias, medos, rogos, prepotências, fingidas docilidades. Frágeis são os homens deste país de nostalgias idênticas e medos e desânimos. Fragilidade em tentativas várias de disfarce: o desafiar touros em praças públicas, os carros de corrida e lutas corporais. Ó meu Portugal de machos a enganar impotência, cobridores, ganhões, tão maus amantes, tão apressados na cama, só atentos a mostrar a picha. (BARRENO, HORTA, COSTA, 1974, p. 100).

Indagaram:

Em que mudou a situação da mulher? De objeto produtor, de filhos e trabalho dito doméstico, isto é, não remunerado, passou também a objeto consumidor e de consumo; era dantes como uma propriedade rural, para ser fecunda, e agora está comercializada, para ser distribuída. (*ibidem*, p. 263).

Questionaram a sexualidade:

E o erotismo, senhores, e o erotismo? Em quase todos os livros chamados eróticos que por hoje abundam *il n'y a pas de femmes libres*, il

y a des femmes livrées aux hommes. É essa a libertação que os homens nos oferecem, de repouso do guerreiro passamos a despojo de guerra. (ibidem, p. 264).

Mostraram, então, que a mulher continuava a ser objeto, deixara apenas de ter um estatuto de exclusividade, mas a liberdade continuava (ou será que continua?) a não existir. Afirmaram: “não há mulheres livres, há mulheres entregues aos homens”.

Hoje são muitas as mulheres que publicam. Conquistaram um teto todo seu e aquela quantia de dinheiro que lhes permite escrever e publicar. No passado, não era assim. Mas, como vimos, houve sempre mulheres que ousaram ultrapassar a cena doméstica onde deveriam ser apenas boas filhas, boas esposas e boas mães. Foram, sobretudo, poetisas, mas também romancistas e ensaístas que fundaram uma linhagem literária e abriram caminhos para as novas gerações. Se o cânone literário negou espaço à maioria, a crítica feminista vem resgatando e trazendo-as à luz, legitimando, assim, a genealogia da escrita feminina.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado das Letras, ALB; São Paulo: Fapesp, 2003.
- AIRES, Matias. *Reflexões sobre a vaidade dos homens*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1980.
- ALCOFORADO, Mariana. *Cartas portuguesas*. Porto Alegre: L &PM, 1997.
- ALONSO, Cláudia Pazos. *Imagens do eu na poesia de Florbela Espanca*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996.
- ALORNA, Marquesa de. *Obras poéticas*. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1844.
- ARAÚJO, Jorge de Souza. *Perfil do leitor colonial*. Ilhéus:Editus, 1999.
- BARRENO, Maria Isabel; HORTA, Maria Teresa; COSTA, Maria Velho da. *Novas cartas portuguesas*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1974.
- FLORES, Conceição. DUARTE, Constância Lima. MOREIRA, Zenóbia Collares. *Dicionário de escritoras portuguesas*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2009.
- GRAÇA, Paula. *Bondade das mulheres vindicada, e malícia dos homens manifesta*. Lisboa: Oficina de Pedro Ferreira, 1743.
- HORTA, Maria Teresa. *Poemas do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- MACHADO, José Pedro. *O grande livro dos provérbios*. Lisboa: Notícias, 1996.
- MELO, D. Francisco Manuel de. *Carta de guia de casados*. Lisboa: Europa-América, 1992.

MOREIRA, Zenóbia Collares. *O lirismo pré-romântico da Viscondessa de Balsemão*. Lisboa: Colibri, 2000.

ORTA, Teresa Margarida da Silva e Orta. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993.

PLÁCIDO, Ana. *Luz coada por ferros*. Vila Nova de Famalicão: Lelo & Irmão, 1995.

RESENDE, Garcia de. *Cancioneiro Geral*. Prefácio e notas de André Crabbé Rocha. Coimbra: Gonçalves Guimarães, 1973, vol. IV.

Recebido: 30/04/10

Aprovado: 16/07/10